

O PODER E A LIBERDADE INDIVIDUAL

NO FILOCTETES DE SÓFOCLES *

A problemática do *Filoctetes* de Sófocles é vasta: o relativismo de valores e a lei da força, de que é símbolo Ulisses; a condenação da guerra, que elimina os melhores e deixa com vida os piores; a questão do oráculo e a actuação discreta mas influente dos deuses; a importância da educação e da *physis* na formação humana; o problema da integração social do protagonista. Apesar de esses, entre outros, constituírem temas relevantes — e já os analisei em outras ocasiões —, o debate relativo à liberdade do indivíduo perante o poder do Estado não o é menos. É dele que vamos tratar.

Integrado na expedição dos Aqueus contra Tróia, Filoctetes, natural de Mális e filho de Poiante, indica, por ser o único que o conhecia, o local do santuário da ninfa Crise, onde era necessário oferecer um sacrifício. A mordedura da serpente guardiã do templo origina-lhe uma chaga num pé. Devido ao cheiro desagradável e aos gritos que provoca, os Atridas abandonam o herói na ilha de Lemnos. Dez anos de guerra decorridos, o adivinho troiano Heleno profetiza que a presença de Filoctetes era necessária em Tróia — a presença dele e do arco infalível que lhe dera Hércules, em recompensa de um favor feito. Caso contrário, a cidade nunca seria conquistada. E então o rejeitado de outrora é procurado com afã.

Sófocles introduz no mito algumas alterações que lhe vão permitir compor uma tragédia poderosa, de onde extrai efeitos dramáticos ainda hoje significativos. As alterações mais sensíveis advêm do facto de supor Lemnos deserta e de introduzir, em substituição do Coro de habitantes da ilha que aparecia em peças perdidas de outros dramaturgos, um Coro de marinheiros da frota aqueia acabada de chegar. Assim evita a inverosimilhança, bastante sensível, de um

* Conferência proferida na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, em 22 de Abril de 1991.

Filoctetes abandonado e enfermo em ilha habitada, sem assistência durante dez anos; e realça a figura do protagonista que, na solidão total e selvagem da ilha deserta, no meio de sofrimentos, adversidades e injustiça, nunca cede às pressões, mesmo à custa da própria vida. Outra inovação reside na introdução da figura de Neoptólemo, filho de Aquiles, na delegação encarregada de levar Filoctetes para Tróia; essa alteração resolve a dificuldade de apresentar, perante o Maliense, o odioso Ulisses a quem o herói abandonado devia boa parte das suas desgraças. O contacto inicial será assim estabelecido pelo jovem, com garantias seguras de que será bem aceite ¹.

Ao ter conhecimento do oráculo — que, além de considerar necessária a presença do herói rejeitado e do seu arco, estipulara também que a sua partida para Tróia fosse voluntária —, Ulisses, com o mesmo oportunismo e a mesma falta de escrúpulos que um dia o fizeram abandonar o inferno em Lemnos, à ilha retorna para o levar consigo e exigir a colaboração do recusado de outrora. Quando a peça se inicia, à ilha deserta de Lemnos acabam de aportar naus aqueias. Nelas, além de soldados gregos que constituem o Coro, vinham Ulisses, o homem dos mil artificios, e o jovem filho de Aquiles. Traziam por missão levar para Tróia Filoctetes que o primeiro, dez anos antes, ali abandonara.

Não era fácil o encargo, e o Cefalénio está consciente disso: sabe da infabilidade do arco, pressente a devastação que dez anos de injustiça, de solidão e de sofrimento terão causado, prevê o ódio que deve morar na alma de Filoctetes e a resposta negativa deste a todas as propostas. Suficientemente astuto para antever os obstáculos e oposições que vai ter, agrega à sua empresa o jovem Neoptólemo — generoso, ingénuo, dedicado e, para mais, filho de um grande amigo de Filoctetes. Centrado neste jovem e com a sua anuência renitente, concebe Ulisses um plano astuto e engenhoso, mas que peca pela base em que assenta: o oráculo exige que o herói parta de sua vontade e conscientemente, enquanto o Cefalénio planeia levá-lo pela força, pela astúcia e pelo engano. Com argúcia e poder de persuasão, consegue convencer Neoptólemo a usar do dolo para se apoderar

¹ Há, no entanto, quem atribua ao *Filoctetes* de Ésquilo o «Argumento» de uma tragédia com esse nome que se encontra no *Oxy. Pap.* 20, 1952, n.º 2256, fr. 5, em que Neoptólemo figura como personagem da peça (apud VIANSINO, G. — *Sofocle: Filottete*, Torino, 1963, p. XXI, nota 2).

do arco de Filoctetes. O jovem assim procede e, de posse da arma infalível de Hércules, permite que Ulisses aborde o infeliz herói, sem perigo de ser atingido. O rei de Ítaca aparece então e procura forçar Filoctetes a partir para Tróia, utilizando a fraude, a violência ou a pressão psicológica. O protagonista, traído, por quem considerava seu amigo, resiste a todas as pressões e lança acusações violentas contra Ulisses e Neoptólemo. Este acaba por se arrepender da sua actuação inicial: ter sido falso e injusto com um enfermo e grande amigo do pai. Depois de longo remordimento interno, entrega a Filoctetes de novo o arco de Hércules que lhe retirara de forma fraudulenta e que era essencial à subsistência do infeliz na ilha deserta.

Ulisses confiara no seu poder de improvisação, no saber aproveitar as situações e adaptar-se a elas. Mas os deuses tinham outros desígnios, e as próprias artimanhas tecidas por ele oferecerão armas ao infeliz: caso da cena do Mercador e da amizade atraioçada de Filoctetes por Neoptólemo². As várias tentativas do Cefalénio recebem um não categórico. No fim, Ulisses é a própria imagem do fracasso e fica a dever a vida à intervenção generosa do jovem, que sustém o braço do desventurado companheiro de Hércules, quando este já tinha o arco apontado. Não demoveram Filoctetes nem a astúcia de Ulisses, nem a oferta de cura, nem mesmo a amizade sincera do Neoptólemo da parte final da peça.

Acusa-se Filoctetes de cair no pecado de insociabilidade. Observe-se, contudo, que, acedendo de imediato ao chamamento dos Atridas, ele se integrou na expedição a Tróia e se prontificou a revelar o local do altar da ninfa Crise, onde, ferido pela serpente, acabou por adquirir a chaga que o apoquentava. Como recompensa desse ferimento, obtido ao serviço dos Atridas, colhe o abandono a que estes o votam na ilha deserta de Lemnos. Da missão se incumbem Ulisses, que tentara eximir-se a participar na expedição a Tróia e só forçado o fizera, como não deixa de o lembrar o próprio Filoctetes (vv. 1025-1026).

² Sobre a actuação dos deuses no *Filoctetes* e o problema do oráculo, sua revelação e interpretação vide PULQUÉRIO, M. O. — *Problemática da tragédia sofocliana*, col. Estudos de Cultura Clássica, Coimbra, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra (INIC), 2.^a ed., 1987, pp. 114 sqq.; FERREIRA, J. Ribeiro — *O drama de Filoctetes*, col. Estudos de Cultura Clássica, Coimbra, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra (INIC), 1989, pp. 75-78.

E este que, ao primeiro apelo, partiu de livre vontade, foi injusta e desonrosamente abandonado (vv. 1026-1028 e 1216-1217). O principal motivo do agravo de Filoctetes contra Ulisses e os Atridas reside, pois, na ingratidão que mostraram em relação a um amigo e colaborador leal³.

A solidão e necessidades que padeceu em Lemnos, os sofrimentos e dor que aí o apoquentaram, a revolta que sentiu estão bem explícitos em vários passos: por companhia na ilha, tinha apenas as aves, os animais, a solidão (vv. 936-940, 1081-1094, 1146-1162, 1453-1460); tinha o desespero (vv. 282-284) e a revolta a minar-lhe a alma, a alimentar-lhe o ódio contra os Atridas e Ulisses. A tentativa gizada por este de reconduzir a Tróia o rejeitado de outrora pelo dolo, pela mentira e pela violência, quer física, quer psicológica — portanto de novo por processos injustos — mais acentuou a revolta de Filoctetes. O herói rejeita essa pressão e recusa partir para Tróia, quer quando Ulisses lhe faz promessas ou o ameaça (vv. 982-1002), quer quando, na iminência de ficar só na ilha sem recursos e sem o arco, o Coro o convida a ceder e a partir (vv. 1197-1199).

Essa recusa tem a sua justificação. Com o engano de Neoptólemo e com o aparecimento de Ulisses em seguida, Filoctetes imagina a sorte que o espera. Ouvira o Mercador informar (vv. 607-609) como o Cefalénio, por meio de ardis, se apoderara do adivinho Heleno, o algemara e o apresentara no meio dos Aqueus «como uma bela caça» (v. 609). Escutara ainda a promessa de o levar também a ele e feita quase pelas mesmas palavras (vv. 615-619). Os termos utilizados nessa promessa são os da caça aos animais selvagens: temos o sentido de aprisionar um animal e levá-lo para o exibir perante os Aqueus (v. 617, 616 e 630). Filoctetes imagina a cena e sente-se um animal aprisionado. A humilhação percorre-o num frémito.

Aparece na tragédia frequentes vezes expressa a ideia de «capturar» e «levar à força», quer por parte de Ulisses, quer na boca de Filoctetes. Este, no verso 945, lamenta que Neoptólemo o arraste de forma violenta, como se tivesse capturado um homem válido. Ulisses usa a linguagem da pressão e do constrangimento (vv. 983, 985, 988), com os verbos que significam «levar», «arrastar» em evidência, a ponto de Filoctetes sentir no tom das suas palavras a

³ Vide BLUNDELL, M. W. — *Helping friends and harming enemies. A study in Sophocles and Greek ethics*, Cambridge University Press, 1989, p. 194.

linguagem usada com os escravos⁴. A afirmação de Ulisses de que será levado à força (v. 983), se não for de livre vontade, obtém a reacção imediata de Filoctetes: não considera tolerável que o levem pela violência (v. 985) e possa ser arrancado de Lemnos à força (v. 988). O Cefalénio não desfalece e passa então a usar a divindade como meio de pressão: que foram os deuses que assim o determinaram (vv. 989-990) e que Filoctetes tem de obedecer (v. 994). Nesse momento o infeliz revolta-se e observa (vv. 995-996) que até parece ter nascido para ser escravo (δοῦλος) e não um homem livre (ἐλεύθερος). Não admite semelhante ideia e faz menção de se precipitar da falésia. Mas Ulisses ordena aos marinheiros que o impeçam de praticar tal acto e que o prendam (v. 1003).

Impotente e manietado, em longa e violenta fala (vv. 1004 sqq.), Filoctetes acusa então Ulisses de lhe prender as mãos e de à traição o ter caçado (vv. 1007 e 1005), de o levar algemado (v. 1017) e o arrastar (v. 1029). Atribui os seus sofrimentos ao Ceralénio e aos Atridas e lamenta-se de ser obrigado a viver no meio de males inúmeros, objecto de riso para os seus inimigos (vv. 1021-1025).

Ulisses põe termo, por ineficaz, à violência física e inicia a pressão psicológica. Também a essa o infeliz não cede (vv. 1055 sqq.). Não aceita colaborar com quem o tratou de forma tão injusta. Prefere a morte a ceder a pressões e a prescindir da liberdade. Foi a consciência de ser um homem livre que o fez resistir e ver nessa resistência uma virtude (e.g. 533-538).

Não podemos, portanto, afirmar, como pretendem alguns comentadores, que a recusa seja fruto de obstinação insensata e de oposição à vontade dos deuses⁵. A acção indicia até o contrário. Nos primeiros momentos, quando depara com Neoptólemo e os seus homens, Filoctetes sente alegria, pede que não receiem o seu aspecto selvagem (v. 227), que tenham compaixão dele e lhe digam a que país

⁴ Este uso característico da linguagem da caça foi posto em realce por MACHIN, A. — *Hontes et refus chez le «Philoctète» de Sophocle*, in «Mélanges Édouard Delesteque», Aix-en-Provence, 1983, p. 273 nota 8.

⁵ Vide NILSSON, M. P. — *Geschichte der griechischen Religion I*, München, Beck, 3.^a ed., 1967, pp. 757-758. Sobre o problema da relação de Filoctetes com os deuses vide SEGAL, CH. — *Philoctetes and the imperishable piety*, «Hermes» 105, 1977, 133-158, sobretudo 148-150.

ou raça pertencem (vv. 220-231). Quando sabe que são gregos, manifesta espontaneamente essa alegria (vv. 234 sqq.), considerando «amigos» a fala de Neoptólemo e o vento que os trouxe à ilha (vv. 234 e 237, respectivamente).

Oh fala tão amiga! Oh ouvir ao menos
a saudação de um grego, depois de tanto tempo!

Aliás o tema da amizade apresenta papel de relevo nesta tragédia ⁶.

De início ainda sente vergonha do seu aspecto selvagem e repugnante que lhe advém do ferimento e da doença. Receia, por isso, que tal aspecto afaste os recém-chegados ⁷. Tem consciência que da chaga emana um cheiro insuportável e que esse odor por várias vezes já o afastou do convívio dos homens. Mas, quando Neoptólemo faz tenção de partir (vv. 461-465), Filoctetes, como observa Reinhardt, dirige-lhe uma súplica de entoação nova (vv. 467 sqq.), de linguagem dinâmica, mais virada para o outro, em que o tu sobreleva o eu, em nítido movimento centrífugo ⁸. A anuência de Neoptólemo em transportá-lo no barco ao seu país gera em Filoctetes nova explosão de alegria (vv. 530-538). Depois da cena do Mercador é ele que, perante a hesitação do filho de Aquiles, incita o jovem a partir, com sucessivas insistências até que ele aceite (vv. 629-645). Ao ter a percepção de que a crise se aproxima (vv. 730 sqq.) — ataques periódicos de dor violenta que o deixam exausto e inconsciente, por momentos —, Filoctetes ainda procura, no primeiro impulso, esconder o sofrimento e o teor do seu mal (vv. 733, 735), talvez por pudor, mas também e sobretudo por receio do efeito que a repulsa possa causar, já que em seguida manifesta medo de ser abandonado (vv. 757-760) e se sente tentado a ligar Neoptólemo por um juramento (vv. 811-813). É certo que deseja a morte (vv. 747-750), mas o momento é de desespero, de delírio e de perda momentânea de consciência. Quando desperta, a presença dos marinheiros e do jovem

⁶ Vide FERREIRA, J. Ribeiro — *O drama de Filoctetes*, pp. 95-98.

⁷ Sobre as semelhanças da vida de Filoctetes em Lemnos com a do homem primitivo vide FERREIRA, J. Ribeiro — *O drama de Filoctetes*, pp. 97-98.

⁸ *Sophokles*, Frankfurt am Main, Vottorio Klostermann, 3.^a ed., 1947, pp. 182-184.

a seu lado, fá-lo expandir-se de novo em alegria: apesar do horror dos seus males, accitavam-no como era e, compassivos, haviam permanecido junto dele para lhe prestarem auxílio (vv. 867-871). Como nota A. Machin, a vergonha inicial sublima-se em alegria, por ser estimado, apesar do seu aspecto e da chaga ⁹.

Momentânea foi, no entanto, a luz que lhe sorriu. Logo Neoptólemo lhe revelava que tudo fora fraude e dolo.

Também não podemos acusar Filoctetes de se opor à realização do oráculo e à vontade dos deuses, porque a mesma atmosfera de pouca clareza e ludíbrio envolveu a revelação da profecia de Heleno que exigia a presença de Filoctetes e do seu arco em Tróia. Hoje boa parte dos críticos, na sequência da opinião de Wilamowitz, aceita que a informação a respeito do oráculo é fornecida por Sófocles, em momentos diversos e por partes, de acordo com as conveniências dramáticas ¹⁰. Como observa Manuel Pulquério, o anúncio do oráculo, por vir mesclado de mentira e traição, não permitiu a Filoctetes ver por trás das palavras humanas a vontade divina, pelo que a sua oposição se dirige ao agir e pretensões dos homens e nunca tem em vista negar o seu concurso à realização do oráculo dos deuses ¹¹. Por outro lado, na tentativa de convencimento de Filoctetes não se insiste no argumento teológico; e Neoptólemo, embora anuncie o oráculo, continua a agir como se ele não existisse ou pudesse ser

⁹ *Hontes et refus chez le «Philoctète» de Sophocle*, in «Mélanges Édouard Delebeque», Aix-en-Provence, 1983, p. 263.

¹⁰ Sobre as diversas interpretações do oráculo e a importância deste na peça vide KITTO, H. D. F. — *Form and meaning in drama*, London, Methuen, 2.ª ed., 1964, pp. 95-99; KNOX, B. M. W. — *The heroic temper*, The University of California Press, 1964, pp. 187-190; HINDS, A. E. — *The prophecy of Helenus in Sophocles «Philoctetes»*, «CQ» 17, 1967, 168-180; STEIDLE, W. — *Studien Zum antiken Drama*, München, 1968, pp. 169-173; ROBINSON, D. B. — *Topics in Sophocles «Philoctetes»*, «CQ» 19, 1969, 46-51; GILL, C. — *Bow, oracle and epiphany in Sophocles «Philoctetes»*, «Greece & Rome» 27, 1980, pp. 139-142; MACHIN, A. — *Cohérence et continuité dans le théâtre de Sophocle*, Haute-Ville, 1981, pp. 61-74. Por exemplo, Robinson, art. cit., p. 49 considera que Sofocles não apresenta nenhuma das personagens a transmitir «the exact words of the oracle of Helenus *verbatim* and in full, uncut, unexpanded and uninterpreted».

¹¹ PULQUÉRIO, M. O. — *Problemática da tragédia sofocliana*, pp. 113-136, em especial pp. 131-132.

negligenciado. Também se não recorre ao argumento de que a sua partida livraria milhares de soldados gregos de longos sofrimentos. Se fossem invocadas tais razões, a sua não aceitação por parte do herói motivaria, como nota Kitto, a perda de muita da simpatia dos espectadores¹². A insistência é posta na glória da conquista de Tróia e na cura de Filoctetes. Este, porém, já sofrera traições e desenganos vários que o não predispunham a aceitar os argumentos que lhe apresentam ou as promessas que lhe fazem.

Observe-se ainda que, categórica embora, a recusa não é isenta de hesitações, sobretudo no final, quando Neoptólemo, depois da entrega do arco, ensaia o convencimento, mas já tardiamente, com benevolência, amizade e doação (vv. 1350 sqq.). Tenhamos em conta também que a recusa em colaborar não visa propriamente a sociedade, não é destinada ao colectivo dos Gregos, mas dirige-se antes ao individual: aos Atridas e a Ulisses. Tudo na peça se encaminha no sentido dessa individuação. Neoptólemo, ao contar a Filoctetes a história fictícia do que lhe aconteceu em Tróia, embora esteja a falar de modo astucioso, atribui os agravos a Ulisses e sobretudo ao Atridas (vv. 381-389), acusação corroborada pelo Coro, ao referir que sobre o jovem amo recaiu a insolência (*hybris*) dos Atridas (v. 397). Quando o Mercador anuncia a Neoptólemo que Fénix e os filhos de Teseu o vêm buscar, o jovem interroga se se devotaram à empresa com tanto zelo por amor dos Atridas (v. 566), afirma-se inimigo destes (v. 585) e pergunta por que razão só agora, passado tanto tempo, esses chefes resolveram procurar o infeliz herói (vv. 598-599).

Por seu turno, Filoctetes atribui aos Atridas e a Ulisses as injustiças recebidas (vv. 405-410) e não ao colectivo dos Aqueus. Quando a crise se aproxima, com a dor a intensificar-se, deseja que um sofrimento igual atinja Ulisses, Agamémnon e Melenau (vv. 790-795). Ao acordar da inconsciência momentânea em que a dor o prostrou, sente alegria por ver Neoptólemo e os marinheiros junto de si, como já foi referido, e acentua, em contraposição, que os Atridas não o suportaram nem tiveram paciência com a sua doença (v. 872). Mais tarde, quando Ulisses parte com o arco, para o pressionar como vimos, Filoctetes acusa-o de, senhor dessa arma, se estar a rir dele nesse momento (vv. 1124 sqq.). A oposição de

¹² *Greek tragedy*, London, Methuen, 3.^a ed., 1961, repr. 1966, p. 308.

Neoptólemo a que dispare sobre Ulisses quando este tentara impedir o filho de Aquiles de devolver o arco e depois se afasta receoso, merece ao infeliz a observação de que ao menos fica a saber como são cobardes no combate e arrogantes nas palavras os chefes do exército, arautos mentirosos dos Aqueus (vv. 1305-1307). A tónica aparece, portanto, colocada apenas nos chefes, o particular e não o todo social.

Por outro lado, em face dos conselhos de Neoptólemo, Filoctetes começa por hesitar, mas lembra-se de imediato do que sofrera da parte de Ulisses e dos Atridas e declara que não pode tolerar conviver nem com um nem com outros (vv. 1357 e 1355-1356, respectivamente). Pressente que muito teria de sofrer no futuro da parte deles, já que — acrescenta (vv. 1360-1361) — a mente que um dia foi mãe de infâmias em tudo ensina a forjar maldades. Neoptólemo ainda insiste e tenta mostrar-lhe que, no seu próprio interesse, devia partir com ele, mas Filoctetes atalha que para os campos de Tróia, para junto dos Atridas, nunca irá (vv. 1376-1377). Portanto, a rejeição centra-se nos Atridas e em Ulisses.

É certo que deparamos com referências ao exército e aos Aqueus, mas elas encontram-se na boca de Neoptólemo e sobretudo na de Ulisses. O primeiro utiliza a expressão «todo o exército» (v. 1226), para, arrependido, confessar no final, em diálogo com Ulisses, que foi um erro obedecer-lhes, tanto ao Cefalénio como ao exército. Ulisses, por seu turno, no início da tragédia (vv. 64-67), tenta convencer o jovem a agir de forma dolosa e astuciosa e incita-o a dizer dele, Ulisses, tudo o que quiser, mesmo as mais ultrajantes injúrias, pois, se o não fizer, lançará a desgraça sobre todos os Argivos (v. 67). Mais tarde, ao tentar demover Neoptólemo de entregar o arco, anuncia que tanto ele como todo o exército dos Aqueus (v. 1243) o impedirão de o fazer. Pouco depois, quando o jovem efectiva essa entrega (vv. 1290-1293), Ulisses, que entretanto se ausentara de cena, surge inopinadamente e tenta impedi-lo «em nome dos Atridas e de todo o exército» (v. 1294). Deste modo, o colectivo aparece na boca de Ulisses como meio de pressão ou de convencimento e na de Neoptólemo para reconhecer que tinha sido um erro aceitar como boa a missão de levar Filoctetes para Tróia pela fraude e pela violência.

O dramaturgo parece pretender realçar que nem sempre os governantes representam efectivamente a vontade do colectivo, da

pólis que, como afirmam frequentes vezes os textos gregos, são os cidadãos (e.g. Tucídies 7.77.7). Ora o poder dos governantes — seja o regime uma monarquia, uma oligarquia ou uma democracia — só é válido, se legitimado por esses cidadãos. Sófocles afirma-o com toda a nitidez na *Antígona*, num diálogo entre Creonte e Hémon (vv. 733-739). Anuncia este ao pai que Tebas não o aprova na decisão de condenar Antígona e de deixar Polinices sem as honras fúnebres. Quando o rei, de natureza despótica e inflexível, lhe responde que a pólis é de quem manda e que não é ela que lhe vai ditar o que deve fazer, o filho responde-lhe que governaria bem numa terra que fosse deserta (v. 739)¹³.

Ora a caracterização de Ulisses, o representante dos Atridas, chefes da expedição, e as informações que sobre estes a peça nos fornece apontam para a conclusão de que eles não simbolizam o colectivo dos Aqueus. Além da rejeição de Filoctetes se não dirigir a esse colectivo, Ulisses aparece caracterizado na peça como o chefe que considera todos os meios bons para atingir os fins que se propõe. Para ele, vitória é a palavra chave e a mola do seu comportamento (vv. 81-82 e 1052). Homem do momento oportuno, de tudo se serve para vencer e impor a sua autoridade. Político sem escrúpulos e sem princípios morais, não aceita valores absolutos e tudo considera relativo, tudo avalia em função do interesse e da utilidade, seus ou do grupo que representa, sem olhar a meios para atingir os seus objectivos¹⁴.

A caracterização de Ulisses, como já afirmei em outra ocasião, pretende com certeza aproximar as suas opiniões e actuação das doutrinas dos sofistas e da ideologia da força em voga na época. Para Ulisses o importante é ser astuto e hábil (*sophos*); e, em consonância com tal característica, na sua actuação, desde o Prólogo, mostra, como os sofistas, saber usar na perfeição do processo dos dois argumentos, transformando o fraco no mais forte, distorcendo o sentido usual das palavras e escondendo uma parte da verdade para melhor

¹³ Sobre o assunto vide FERREIRA, J. Ribeiro — *Hélade e Helenos I — Génese e evolução de um conceito*, Coimbra, 1983, p. 235.

¹⁴ Para uma caracterização mais pormenorizada vide FERREIRA, J. Ribeiro — *O drama de Filoctetes*, pp. 21-25 e 51-73. Sobre a importância do desejo de vitória no comportamento de Ulisses vide BLUNDELL, M. W. — *Helping friends and harming enemies. A study in Sophocles and Greek ethics*, Cambridge University Press, 1989, pp. 187-188.

convencer¹⁵. Método com grande audiência e voga no século V a.C., dele se encontra uma caricatura cheia de graça na discussão entre o Raciocínio Justo e o Raciocínio Injusto das *Nuvens* de Aristófanes (vv. 889-1104). Ulisses, na sua actuação ao longo da tragédia, usa da fraude, da mentira e da força e considera tais métodos válidos e justificativos para se atingir os objectivos em vista, pensa, além disso, que o momento oportuno (*kairos*) é a chave de tudo. Ora os *Dissoi logoi* — pequena obra composta por volta de 400 a.C. por um autor anónimo que utiliza o método antilógico de Protágoras e constituída por um conjunto de pares de argumentos opostos, apresentados como tese e réplica à maneira de Górgias e de Hípias, cujo conteúdo deve corresponder no essencial à doutrina dos dois sofistas¹⁶ — aferem o justo, o belo e o bom pelo ajustamento ou não ajustamento a cada circunstância ou ocasião, enfim pelo *kairos* (Diels-Kranz, 90(83) 2-3); esse opúsculo afirma ainda (3. 2-3) que é justo mentir e enganar, mesmo a parentes, e vai ao ponto de considerar justo usar da violência com as pessoas mais queridas¹⁷.

Estamos, portanto, perante um Ulisses que é um produto da época, ou melhor, um símbolo de determinada prática política e de relações humanas a que Sófocles impotente assista com apreensão e

¹⁵ Sobre uma pormenorização maior do assunto vide FERREIRA, J. Ribeiro — *O drama de Filoctetes*, pp. 62-71. Sobre a distorção do sentido das palavras veja-se a que é feita a γενναῖος (v. 51). Sobre o assunto vide a obra acabada de citar, pp. 66-67; KNOX, B. M. W. — *The heroic temper*, The University of California Press, 1964, p. 125. Sobre o termo *gennaios* em Sófocles vide FREIS, C. R. — *Goodness and justice in Sophoctes*, Diss. Berkeley, 1981, pp. 51-61.

¹⁶ Há semelhanças com o que diz Górgias no *Elogio de Helena* 10, onde se fala no engano provocado pelo encanto da palavra. Sobre a possível correspondência entre os pares de argumentos deste opúsculo e a doutrina de Górgias e de Hípias vide DUPRÉEL, E. — *Les sophistes. Protagoras, Gorgias, Prodicus, Hippias*, Neuchâtel, 1948, pp. 89-94 e 196-200.

Transmitidos possivelmente por Sexto Empírico — encontravam-se pelo menos no final dos seus manuscritos (cf. DIELS, H.; KRANZ, W. — *Die Fragmente der Vorsokratiker* II, pp. 405-416) —, ROSTAGNI (*Scripti minori I—Aesthetica*, pp. 29-32) atribui a origem dos *Dissoi Logoi* a centros pitagóricos em que Górgias teria sido educado. Sobre os *Dissoi logoi* vide GUTHRIE, W. K. C. — *A history of Greek philosophy* III, Cambridge University Press, 1969, pp. 316-319.

¹⁷ Nas *Nuvens*, que são uma caricatura dos métodos dos sofistas, é afinal dessa forma que acaba por proceder Fidípides, ao bater no pai, demonstrando que é justa a sua atitude, e ao pretender fazer o mesmo com a mãe.

amargura — se não sofreu mesmo as suas consequências; uma encarnação de determinadas doutrinas que, inoculadas nos jovens e ingeridas avidamente pelos ambiciosos, provocam a dissolução dos costumes, o desmoranar dos valores tradicionais e levam a pôr tudo em causa. O agir em consonância com o momento e em vista da consecução mais rápida e fácil dos objectivos a atingir é nele uma actuação tão natural e tão lógica que não vê derrogação do oráculo em servir-se da traição, da mentira e da violência para conseguir a ida de Filoctetes para Tróia: é Zeus que o quer, diz ele (vv. 989-990)¹⁸. O oráculo exigia a persuasão, que Ulisses tenta sempre por caminhos errados — pela traição, fraude ou violência. Talvez para isso o predispuesse o temperamento, ou o haver concluído, de acordo com o conhecimento que julgava ter de Filoctetes, que este se não deixaria convencer de outro modo¹⁹.

Pode alegar-se que o Coro, na sua missão de apoiar as palavras de Neoptólemo e de Ulisses e ao procurar justificar a actuação do Cefalénio (vv. 1143-1145), corrobora que ele está a executar uma obra para «alívio comum dos amigos» (v. 1145). Trata-se de uma justificação apoiada por vários comentadores modernos e por eles tomada como válida — opiniões que já foram apreciadas, quando se fez a análise da figura de Ulisses — e G. M. Kirkwood — a citar aliás G. Norwood, *Greek Tragedy*, London, 4.^a ed., 1948, p. 162 — considera Ulisses a personificação da razão do Estado²⁰.

¹⁸ Por exemplo, JAMESON, M. H. — *Politics and the Philoctetes*, «CPH» 51, 1956, pp. 219-220 considera que Ulisses apresenta traços comuns a vários políticos atenienses do último quartel do século V a.C.: Cléon, Alcibíades, Terámenes, Pisandro.

Sófocles foi um dos dez probulos nomeados após o desastre da Sicília para proceder a uma revisão das instituições e aperfeiçoar o seu funcionamento. Ora esses probulos viram-se completamente ultrapassados pelas heterias oligárquicas que tiveram papel de relevo na queda da democracia e na instauração da oligarquia de 411 a.C., ou possivelmente alguns deles até com elas colaboraram. Sófocles, mais tarde, segundo Aristóteles, *Retórica* 3, 1419a 25-30, lamentou ter preparado involuntariamente a queda da democracia.

¹⁹ Demonstra-o convincentemente PULQUÉRIO, M. O. — *Problemática da tragédia sofocliana*, pp. 124-129.

²⁰ KIRKWOOD, G. M. — *A study of Sophoclean drama*, Ithaca, Cornell University Press, 1958, p. 149. Para a apreciação às referidas opiniões vide FERREIRA, J. Ribeiro — *O drama de Filoctetes*, pp. 51-53.

Repare-se, no entanto, na subtileza da fala do Coro acabada de referir: não nomeia o exército nem os Aqueus, mas fala somente de «amigos», que bem podem ser apenas os chefes do exército, os Atridas. Além disso, o cruel tratamento de Filoctetes por parte de Ulisses, na cena anterior, fecha o passo a qualquer apelo à nossa aprovação. Aliás Sófocles tem o cuidado de salientar também que Ulisses apenas constrangido e obrigado se integrou na expedição a Tróia. Primeiro é o próprio Ulisses a reconhecer esse constrangimento (vv. 72-74) e depois é Filoctetes que, preso pelo Cefalénio, lho lança em rosto (vv. 1025-1026): Ulisses, que só ludibriado e forçado embarcara, é agora o braço direito dos Atridas e o executor dilecto das ordens destes, enquanto ele, Filoctetes, que partira de livre vontade, foi desonrosamente rejeitado e continua a ser tratado de forma injusta. Desse modo se infirmam as desculpas do Coro e fica bem claro que Ulisses é quem tem menos autoridade moral para ser o representante e para falar em nome do bem da comunidade.

Mais uma vez o filho de Laertes adaptara-se às circunstâncias e disso tirara proveito. Representante dos Atridas, surge como o símbolo da actuação injusta e prepotente que tritura e procura submeter e inutilizar quem se lhe opõe. Não procura a harmonia entre as partes, mas a submissão de uma delas.

Naturalmente que uma actuação deste tipo provoca o alheamento, o desencanto e o desinteresse das pessoas, sobretudo das honestas que, a cada passo, se sentem ludibriadas e não estão dispostas a entrar no jogo da necessidade da mentira, ou pelo menos falseamento da verdade; no jogo da distorção dos factos, dos valores, dos conceitos

Nos versos 146-149, Neoptólemo dá ao Coro a missão de, atento aos seus gestos e sinais, o ajudar e apoiar. Respondem-lhe os marinheiros que esse é cuidado que há muito os ocupa (vv. 150-151).

Considero que os versos 1143-1145 se referem a Ulisses, mas reconheço que nesse caso τοῦδ' ἐφημοσύνα (v. 1144) oferece alguma dificuldade. Por isso, alguns comentadores preferem ver em χεῖνος (v. 1143) uma alusão a Neoptólemo. É mais provável a referência a Ulisses, já que constitui a sequência lógica do que Filoctetes dissera nos versos 1135-1139. Sobre o assunto vide KAMERBEEK, J. C. — *The plays of Sophocles. Commentaries VI—The Philoctetes*, Leiden, E. J. Brill, 1980, ad 1143-1145; USSHER, R. G. — *Sophocles: Philoctetes*, with an introduction, translation and commentary, Warminster, Aris & Phillips, 1990, ad 1143-1145.

e do sentido usual das palavras. Temos notícias várias de que tal alheamento feria já Atenas nos últimos anos do século V a.C. Os *Acarnenses* de Aristófanes — comédia apresentada nas Leneias de 425, portanto já no sexto ano da Guerra do Peloponeso — fornecem-nos um exemplo dessa atitude. Diceópolis, um camponês — e os camponeses eram os que mais sofriam com a guerra — vem à cidade para, na Assembleia, votar a favor da paz. Chega cedo e encontra vazio o local onde normalmente se efectuavam as reuniões, a Pnix (vv. 17 sqq.). É dia de Assembleia regular e amargura-o verificar a indiferença existente: os cidadãos preferem ficar na Ágora a conversar. Ora, se tal se passava na década de vinte, o desinteresse pelos assuntos da pólis generaliza-se com o decorrer da Guerra do Peloponeso.

Considera A. Machin que Filoctetes não é um ser associal: apenas recusa colaborar com os Atridas (vv. 1355-1356), conviver com eles e pertencer ao seu grupo²¹. O infeliz prefere a companhia de Poiante, seu pai, dos familiares, de Neoptólemo, se se quiser juntar a eles... ou seja, prefere a companhia dos homens que ele ainda pode estimar. Não rejeita a sociedade por inteiro. É apenas com um dos grupos que compõem essa sociedade que ele quer romper. O oráculo, ao exigir a presença de Filoctetes em Tróia e ao condicionar a partida à sua anuência voluntária, fez depender da sua livre escolha esse regresso. De nada valeram fraude, violência, pressões. Filoctetes recusou sempre a coacção e impôs a sua vontade livre. Desse modo afirma, de forma categórica, a sua liberdade e dignidade.

A reintegração só se verifica devido a uma intervenção de Hércules, seu amigo de outrora e agora divinizado. Só a voz desse amigo acima de qualquer suspeita, consegue demovê-lo e certificá-lo de que a ida para Tróia lhe será benéfica, lhe restituirá a saúde e lhe dará a glória (vv. 1421-1422, 1425, 1427). Observe-se, contudo, que Hércules, na intervenção decisiva que vai conseguir a anuência do herói, não nomeia os Atridas nem Ulisses, mas pelo contrário exalta a amizade que vai unir Filoctetes a Neoptólemo (vv. 1436-1437). Por sua vez, Filoctetes não promete tornar-se um subordinado devotado e um soldado obediente: nem Hércules lho pede. A peça afirma a liberdade do indivíduo perante o Estado e a necessidade de este

²¹ *Hontes et refus chez le Philoctète de Sophocle*, in «Mélanges Édouard Delebeque», Aix-en-Provence, 1983, p. 270.

respeitar a vontade livre do cidadão. Os deuses, embora nem sempre de forma visível, tudo dispuseram para que nada se pudesse conseguir sem a livre anuência de Filoctetes²². Desse modo, acentuam a superioridade da vontade individual e sublinham que a falta dessa livre anuência, e portanto o constrangimento, faz perigar a realização da empresa.

De qualquer modo, ao acentuar o individual, Sófocles não o vê como algo isolado, mas pretende integrá-lo num todo mais vasto e harmónico, a pólis. Segundo P. W. Harsh, se é certo que Sófocles apresenta o indivíduo como o primeiro e determinante elemento do Estado, não o julga, contudo, uma criação independente, mas parte de um todo. Por conseguinte, embora livre, não pode renunciar às obrigações para com os companheiros, os outros elementos da sociedade²³. Essa posição reflecte-se na figura de Neoptólemo, como aparece caracterizada na parte final da tragédia.

Jovem, inexperiente e influenciável, não tem, de início, conceitos claros e sente-se enredado na argumentação falaciosa de Ulisses²⁴. A inexperiência e a ambição haviam-no traído, mas comprovara amargamente que, entre a argumentação e a realidade, entre as palavras e a verdade, medeia por vezes o abismo. O desenvolvimento da acção confronta-o com situações difíceis, com o sofrimento e com a injustiça, que o obrigam a definir-se.

Se de entrada, ao usar do engano, Neoptólemo provoca uma retracção em Filoctetes, no Êxodo recusa a violência e a fraude e usa a sinceridade e a compreensão. O filho de Aquiles transforma-se em um novo tipo de herói que apresenta como principal atributo a moderação (*sophrosyne*) e surge dotado de profundidade humana que

²² Sobre a actuação dos deuses no *Filoctetes* vide PULQUÉRIO, M. O. — *Problemática da tragédia sofocliana*, pp. 129-134; FERREIRA, J. Ribeiro — *O drama de Filoctetes*, pp. 75-78.

²³ *The role of the bow in the Philoctetes of Sophocles*, «AJPh» 81, 1960, p. 410.

²⁴ A juventude de Neoptólemo é frequentes vezes sublinhada na peça (e.g. 96-99), mesmo pelos marinheiros do Coro que são seus subordinados (v. 1072). Vide AVERY, H. C. — *Heracles, Philoctetes, Neoptolemus*, «Hermes» 93, 1965, pp. 285-290; REINHARDT, K. — *Sophokles*, Frankfurt am Mein, Vittorio Klostermann, 3.^a ed., 1947, pp. 173-176.

o leva a ver em todos, mesmo nos inimigos, seres humanos dignos de respeito. Rejeita todo o tipo de violência, age pela persuasão e pela franqueza, preza a amizade e não descarta a ajuda ao mais fraco. Indulgente e compassivo, é no entanto firme e justo. Isento de *hybris*, Neoptólemo é também modelo de consideração pelos outros e de fidelidade à palavra dada.

Ao contrário de seu pai Aquiles que, na *Ilíada*, por uma afronta recebida, abandonou o combate e desejou a destruição dos Aqueus, para o jovem, não contam apenas os problemas pessoais, mas interessam-lhe também os problemas da pólis e da comunidade. Neoptólemo, sabe que o homem deve integrar-se na sociedade, porque só nela a vida é possível e tem sentido. Tenta, por conseguinte, no Êxodo, pela persuasão e pela compreensão, convencer Filoctetes a partir para Tróia, ou seja, a reintegrar-se no corpo social de que o herói faz parte. Procura fazer-lhe ver que essa reintegração será benéfica para ambas as partes — sobretudo para ele, Filoctetes.

O herói considera a vida odiosa por ainda o deter vivo: tem pena de não ceder e não conseguir acreditar nas palavras ouvidas (vv. 1350-1351).

Filoctetes bem gostaria de acreditar no jovem, mas não é capaz de ultrapassar a desconfiança que o corrói. As palavras são muitas vezes enganosas e, em todas elas, o infeliz solitário pressente um segundo sentido, em grande parte como resultado do clima de fraude e de mentira em que o envolveram. Como verificara ainda há pouco tempo, os actos foram a negação total das afirmações proferidas, dos protestos de amizade e das promessas feitas. Quando Neoptólemo o chama para lhe devolver o arco, o herói manifesta receio, porque — justifica (vv. 1268-1269) —

.....já antes, de belos discursos
colhi maus frutos, por acreditar nas tuas palavras²⁵.

E, quando o jovem filho de Aquiles lhe pergunta se não admite que as pessoas possam mudar, Filoctetes não é capaz de acreditar

²⁵ O termo *λόγος* «palavra» ocorre com frequência na peça, sobretudo no Êxodo, e claramente não é incidental. Sobre essa repetição e seu significado vide PODLECKI, A. J. — *The power of the word in Sophocles' Philoctetes*, «GRBS», 7, 1966, pp. 233-245; EASTERLING, P. E. — *Repetition in Sophocles*, «Hermes», 101, 1973, p. 29.

nessa mudança e responde que as palavras continuam a ser as mesmas com que lhe tirou o arco (vv. 1271-1272): leis na aparência, mas traiçoeiras na sombra (v. 1272).

Assim não aceita qualquer conselho do jovem, nem se deixa tentar por promessas de salvação e de glória (v. 1391); nada o fará ver Tróia de livre vontade (v. 1392). As palavras dos homens — em consequência das injustiças que deles recebeu e do ambiente de fraude e engano de que foi alvo — não encontraram credibilidade junto de Filoctetes. Era necessário que Hércules as viesse confirmar. Só alguém que não beneficiasse com a sua ida para Tróia e do qual o herói não tivesse a mínima suspeita podia desfazer a desconfiança criada e obter a anuência em colaborar com os Aqueus, que é imediata e sem reservas.

Tu que me envias a voz desejada,
ao fim de longo tempo te revelas!
Não desobedecerei às tuas ordens ²⁶.

são as palavras do protagonista (vv. 1445-1447).

Os deuses, ao estipularem que a conquista de Tróia não se poderia realizar, sem a anuência livre e consciente do herói, ofereceram a Filoctetes, por um lado, os meios de fazer valer a sua vontade e impediram, por outro, que a fraude, a pressão e a violência pudessem ter êxito. O Maliense não cedeu e afirmou assim, de forma categórica, a sua liberdade e a sua vontade.

Diz-nos Sófocles, deste modo, que a fraude, a injustiça, a violência provocam a desconfiança do cidadão e alienam a participação na pólis. Só o respeito pela pessoa humana e pela liberdade individual, só uma relação social baseada na justiça, na franqueza, na compreensão conseguem restabelecer a confiança e a harmonia, sem as quais não será possível a colaboração leal nem congregar o corpo social.

*José Ribeiro Ferreira **

²⁶ Os versos 234-235 são, como vimos (p. 322), uma explosão de alegria de Filoctetes, ao escutar de novo, depois de vários anos de isolamento, a voz de um grego.

* Faculdade de Letras da Univ. de Coimbra.